

**O LUGAR MAIS ALTO DO PÓDIO LITERÁRIO:
AS DINÂMICAS DE CONCORRÊNCIA PARA CONSAGRAÇÃO LITERÁRIA
NO BRASIL (1930 A 1945)**

Wanessa Regina Paiva da Silva (UERJ)¹

Resumo: Nesse trabalho, tratarei da polêmica surgida após a vitória do romance *Os Corumbas*, de Amando Fontes, no concurso para a escolha do melhor livro nacional de 1933, promovido pela Sociedade Felipe D'Oliveira, a partir da discussão ensejada no inquérito "Foi merecido o prêmio conferido a 'Os Corumbas'?", realizado por *O Jornal*. O objetivo é dar a conhecer o modo de funcionamento da vida literária brasileira, sobretudo, no que diz respeito às dinâmicas de concorrência para consagração de obras, de autores e de projetos estético-ideológicos no período de 1930 a 1945.

Palavras-chave: Imprensa periódica; Literatura brasileira; Polêmica; Inquérito; Legitimidade literária.

Em 1933, foi criada a Sociedade Felipe d'Oliveira, com o intuito de resguardar a memória do jovem poeta Felipe Daudt de Oliveira, morto em um acidente de carro, em Paris, ainda naquele ano, ao mesmo tempo em que se propunha fomentar a atividade literária no Brasil, como explicou o poeta Augusto Frederico Schmidt a *O Jornal*:

A Sociedade Felipe d' Oliveira (...) foi constituída no sentido de promover o amparo e a proteção à vocação literária, mediante o estabelecimento de prêmios, subsídios e viagens de aperfeiçoamento artístico e cultural. (...). Ninguém ignora o desamparo, ambiente de indiferença em que se desenvolve a vida mental do Brasil. As mais notáveis concepções da nossa energia criadora perdem-se no espaço, no tumulto material da nossa existência, à falta de eco e vibração, como se esses movimentos de cultura não representassem uma realidade política e social no Brasil(...). De acordo com seus estatutos, ela abrangerá todas as manifestações da atividade intelectual. Temos sempre em vista a perenidade dos objetivos sociais. Felipe d'Oliveira era a ideia em marcha e a sua obra reflete movimento, coragem, concepção nova de vida. Sob este signo, os seus amigos, reunidos, querem antes de tudo valorizar a inteligência e demonstrar que as nossas realidades nada representam sem a influência dessa força divina. (AS ATIVIDADES CULTURAIS, 1933, p. 5)

¹ Graduada em Letras (UFPA); mestre em Estudos Literários (UFPA); doutora em Literatura Comparada e Teoria literária (UERJ). E-mail: wanessapaiv@gmail.com/nessaletrasufpa@yahoo.com.br

Entre as ações de maior destaque do grupo estavam a revista *Lanterna Verde* (1934-1944) e o prêmio anual para a escolha da melhor obra literária, artística ou científica do país, que, já em sua primeira edição, causou grande agitação no meio literário. É justamente sobre a repercussão em torno do livro vencedor do prêmio de 1933 que tratarei nesse trabalho. Apesar de pouco conhecido hoje, o episódio em questão ajuda a entender de que maneira os escritores se movimentavam para conquistar a legitimidade literária (e deslegitimar seus concorrentes).

“Foi merecido o prêmio conferido a ‘Os Corumbas?’: a polêmica em torno da vitória do romance social de Amando Fontes

O prêmio literário instituído pela Sociedade Felipe d’Oliveira prometia ao vencedor a soma de cinco contos de réis, o que por si só já era um estímulo aos escritores brasileiros sempre tão carentes de apoio para a sua produção. Porém, a vitória em um prêmio como esse ia além do valor monetário. O concurso se mostrava uma excelente oportunidade para testar o prestígio dos escritores e das tendências literárias da época junto aos pares, membros do júri, que, conforme afirma Pierre Bourdieu (2005), têm papel importante na legitimação literária:

O escritor, o artista, e mesmo o erudito, escrevem não apenas para um público, mas para um público de pares que são também concorrentes. Afora os artistas e os intelectuais, poucos agentes sociais dependem tanto, no que são e no que fazem, da imagem que tem de si próprios e da imagem que os outros e, em particular, os outros escritores e artistas, têm deles e do que eles fazem. (...). É justamente isso que ocorre com a qualidade de escritor, de artista e de erudito, qualidade que parece tão difícil definir porque só existe na e pela relação circular de reconhecimento recíproco entre os artistas, os escritores e os eruditos. Todo ato de produção cultural implica na afirmação de sua pretensão à legitimidade cultural. (BOURDIEU, 2005, p. 108)

Feita essa breve consideração, passemos então ao desdobramento da premiação. Antes, vale a pena chamar atenção para o fato de que a Sociedade era formada por quinze membros vitalícios, quais sejam: Augusto Frederico Schmidt, Álvaro Moreyra, Assis Chateaubriand, Rodrigo Otávio Filho, Otávio Tarquínio de Souza, Tristão da Cunha, Ruy Ribeiro Couto, Renato Almeida, Renato de Toledo Lopes, Manoel de Abreu, João Daudt d’Oliveira, Edmundo da Luz Pinto, João Neves da Fontoura, José de Freitas Vale, Ronald de Carvalho. Contudo, na primeira edição do concurso, nem todos

os membros participaram da escolha da obra vitoriosa. O júri foi composto por doze votantes, que tiveram a tarefa de escolher o vencedor entre os livros publicados em 1933, de gêneros diversos – memorialísticos, históricos, sociológicos, ficcionais –, de escritores jovens e velhos, consagrados e aspirantes à consagração, a exemplo de *Memórias (1886-1900)*, de Humberto de Campos; *Minha vida: da infância à mocidade (1867-1934)*, de Medeiros e Albuquerque; *A dança sobre o abismo*, de Gilberto Amado, *Deserto verde*, de Henrique Pongetti, *As sete cores do céu*, de Murilo Araújo; *A verdade sobre a Revolução de Outubro*, de Barbosa Lima Sobrinho; *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade; *Destino do Socialismo*, de Otávio de Faria; *História do Brasil*, de Murilo Mendes; *Os Corumbas*, de Amando Fontes; *Cacau*, de Jorge Amado; *Os três caminhos*, de Marques Rebelo; *Doidinho*, de José Lins do Rego; *Em Surdina*, de Lúcia Miguel Pereira; *Matupá*, de Peregrino Jr., entre outros.

Em uma solenidade, no dia 3 de janeiro de 1934, foi anunciado o resultado, em que se coroou, por dez votos a dois, o romance de estreia do jovem sergipano Amando Fontes, que, junto a outras obras de teor social, despertou grande interesse da crítica pelo chamado romance proletário, como aponta Luís Bueno em *Uma história do Romance de 30* (2006).

Embora a escolha tenha sido praticamente unânime, houve quem não tenha concordado com o desfecho do concurso, passando a contestar a vitória de *Os Corumbas* e a questionar os critérios e a legitimidade do júri. Tal fato levou à realização de um inquérito, a fim de ouvir diferentes figuras do meio literário, diretamente envolvidas no caso ou não, acerca da polêmica.

Intitulado “Foi merecido o prêmio conferido a ‘*Os Corumbas*’?” e publicado pelo periódico *O Jornal*, o inquérito contou com a participação de Gilberto Amado, Jorge de Lima, Prudente de Moraes Neto, Rubem Rosa, Manuel Bandeira e Augusto Frederico Schmidt. Todos os participantes disseram concordar com o resultado, porém, observando as falas mais detidamente, é possível perceber algumas divergências no que diz respeito às perspectivas estéticas dos autores e aos fundamentos de que cada um se vale para definir o que seja a “melhor” obra, bem como compreender, a partir da polêmica, como se organizava internamente o meio literário no que tange às estratégias utilizadas pelos escritores para consagração literária ou para detração de seus concorrentes.

Desses participantes, destaco as respostas de Gilberto Amado, por ter sido um dos concorrentes ao prêmio; de Manuel Bandeira, que teria ali um papel neutro dentro do debate; e de Augusto Frederico Schmidt, por, além de ser um dos votantes, ser na época o editor não só do romance vencedor, mas de outros títulos concorrentes na premiação.

Abaixo, então, o que disse Gilberto Amado ao inquirido:

Se a sociedade quis premiar o autor jovem de um romance extraordinário apesar de mal escrito – fez bem em conferir o prêmio aos “Corumbas”, de Amando Fontes. (...) Se tivesse querido a Sociedade Felipe d’Oliveira premiar uma forte personalidade, assinalada num livro poderoso, que é o germen e é indício de outras obras varonis, teria dado o prêmio a Jorge Amado (...). Se, porém, tivesse a Sociedade querido premiar o maior livro do ano, teria dado o prêmio às Memórias, de Humberto de Campos, que é um dos raros livros que têm consistência para durar no Brasil. (FOI MERECIDO, 1934[a], p.2)

Na avaliação de Gilberto Amado, dois critérios deveriam ter sido levados em consideração pelo júri: uma “forte personalidade” que se expressa em “um livro poderoso” – o que, na verdade, ecoa sua própria concepção da natureza do que seja um escritor – e também a deferência para com a figura de um nome consagrado, autor de obra consistente, feita “para durar”. Na fala de Amado, o premiado Amando Fontes aparece apenas como autor de romance “extraordinário” e “mal escrito” – o primeiro adjetivo permite ambiguidades: pode apontar para um sentido positivo, mas pode indicar o romance de Fontes como acontecimento fortuito no percurso de um desconhecido provinciano, ingênuo aspirante a escritor; o segundo, contudo, não deixa margem para dubiedades: o romance, segundo os critérios estéticos de Gilberto Amado, não merecia tal distinção.

Na sequência, vejamos as palavras de Manuel Bandeira sobre a questão:

O romance é mal escrito, dizem. Mas é precisamente o que o encanta do ponto de vista da linguagem. Amando Fontes nunca fez exercício de estilo. A linguagem é um puro instrumento de comunicação em suas mãos. Jamais saberá descrever “um incêndio” ou o “aspecto da baía de Guanabara ao por do sol”.

Mas quando se trata de achar a frase que a personagem de romance deve dizer num dado estado de espírito, ele vai certo em cima delas, com aquele instinto infalível dos escritores de grande classe. Isso é escrever bem. O resto é só fazer frases bonitas.

(...) Aconselharam o autor de *Os Corumbas* a ler Anatole France e Renan, como se Amando Fontes escrevesse assim por falta de leituras. Imaginem que um apreciador de estilos, desolado com os incidentes intermináveis do “A la recherche du Temps Perdu [Em busca do tempo perdido]”, fosse dizer a Proust: “Leia Anatole France!” (FOI MERECIDO, 1934[b], p. 4).

Manuel Bandeira não questiona a legitimidade da escolha da Sociedade Felipe d’Oliveira. Pelo contrário, endossou-a, problematizando, sim, a discussão que tentou deslegitimar o romance de Amando Fontes por ser supostamente “mal escrito”, evidenciando, em sua opinião, uma crítica à perspectiva literária conservadora de “anatolianos” como Gilberto Amado, que saiam em defesa de uma linguagem elegante.

Por fim, Augusto Frederico Schmidt falou sobre o caso:

Votei nos Corumbas e fui bem acompanhado, sem ter feito cabala alguma porque os meus companheiros são todos homens de independência intelectual e moral. Votei nos “Corumbas” com João Daudt de Oliveira, com João Neves, com Assis Chateaubriand, com Rodrigo Otávio Filho, com Renato Almeida e outros. Então esses homens iam se deixar influenciar por mim, todos homens que têm o seu nome bastante conhecido e que muito o prezam?

(...)

O nosso prêmio tem um sentido político. Queremos incentivar, estimular, aqueles que nos dão boas coisas e todos veem que ainda poderão dar melhores. Os velhos, no Brasil, não nos dão, geralmente, livros bons. (FOI MERECIDO, 1934[c], p. 2)

A fala de Augusto Frederico Schmidt pretende ser uma defesa para a deliberação da Sociedade, servindo ainda de meio pelo qual o poeta pode se defender das suspeitas de parcialidade que pairaram sobre si e sobre seus colegas de associação. O poeta, respondendo aos que desconfiavam da idoneidade do processo de escolha da obra vencedora, ressaltou seu papel de intelectual portador de valores que estariam acima de seus interesses de editor, além de deixar claro aos queixosos que o objetivo principal do prêmio era mesmo incentivar os jovens autores, apontando para a necessidade de renovação do meio literário, em que os velhos, a exemplo do próprio Gilberto Amado ou de Humberto de Campos, o injustiçado, já não eram mais apreciados.

Dar a conhecer a polêmica em torno do prêmio para *Os Corumbas* não se trata de mera curiosidade. Serve, sobretudo, para ilustrar como ia sendo estruturado o cenário literário naquele início dos anos 30, por meio de prêmios, de polêmicas e de

concorrências. Essa última, inclusive, atua, segundo defende Pascale Casanova (2002) em seu livro *A República Mundial das Letras*, como um dos elementos estruturadores do espaço literário. Sobre isso, afirma a autora:

Entrar no espaço literário é entrar na concorrência, visto que o espaço só se forma e unifica a partir da concorrência e das rivalidades que nele aparecem, é preciso descrever e compreender os novos conceitos teóricos, as revoluções na ordem filosófica e/ou literária como instrumento na luta pela legitimidade literária. (CASANOVA, 2002, p. 105)

Assim, as divergências de posições acerca do que definiria “o melhor romance”, como as que se veem entre Gilberto Amado, Bandeira e Schmidt – com os dois últimos discordando da percepção do primeiro de que uma boa obra necessite da experiência do autor, muito menos do domínio de um estilo rebuscado aos moldes do que imperou na primeira década do novecentos, sob influência do escritor francês Anatole France – fazem parte das dinâmicas de concorrência para a legitimidade literária.

Nesse caso, fica claro que há uma oposição entre os velhos literatos consagrados, representados no certame por Gilberto Amado, Medeiros e Albuquerque e Humberto de Campos (estes dois últimos falecidos em 1934), e os novos, que saíram do concurso fortalecidos pela vitória de Amando Fontes, dando indícios de que era chegado o momento efetivo de renovação da literatura. É importante ressaltar, que tal renovação não ficaria a cargo somente desses escritores e suas obras, mas também das novas instâncias de legitimação, como a própria sociedade Felipe d’Oliveira e seu prêmio, que surgiam e estabeleciam novos parâmetros de valor, rompendo com a hegemonia dos grupos e das instâncias que até então detinham essa autoridade.

Assim, na esteira dessa movimentação, o espaço literário nacional vai sendo redefinido logo no início da década com, por um lado, a ascensão de novos nomes e a conquista de seu prestígio junto aos pares e, por outro, a perda gradativa de prestígio dos medalhões, que pareciam destoar do quadro de novidades e de preocupações estético-ideológicas que dominaram o período. É importante observar ainda que essa renovação, embora tenha sido favorável aos ficcionistas mais jovens como um todo, dando a eles maior visibilidade, contribuiu, sobretudo, para o fortalecimento do grupo de escritores nortistas, que fez dois vencedores nos anos de 1933-34: além d’Os

Corumbas, de Amando Fontes, centro da polêmica apresentada, *Menino de Engenho*, do paraibano José Lins do Rego, foi o vencedor do prêmio de melhor romance organizado pela Fundação Graça Aranha.

Desse modo, é possível afirmar que o capital literário conquistado por Amando Fontes e por José Lins do Rego não ficou restrito a eles, haja vista que esse capital, de acordo com Casanova (2002),

encarna-se também em todos os que o transmitem, em todos os que dele se apoderam, em todos os que o transformam e reatualizam. Ele existe sob a forma de instituições literárias, academias, júris, revistas, críticas, escolas literárias, cuja legitimidade se avalia pelo número, pela antiguidade e pela eficácia do reconhecimento que decretam. (CASANOVA, 2002, p. 30)

Portanto, o grupo do Norte, representado principalmente pelos escritores nordestinos, ganha legitimidade para não só reivindicar uma posição de destaque no espaço literário nacional, dominado até então pelos grupos literários do Sul², como também para questionar os valores literários propostos por estes, o que levou a novas rivalidades e novos questionamentos que se desdobram ao longo dos anos em novas polarizações – essas, no entanto, não cabem no escopo desse texto, ficando para uma próxima oportunidade.

Referências

AS ATIVIDADES CULTURAIS da Sociedade Felipe d'Oliveira. *O Jornal*. Rio de Janeiro. 31 de dezembro de 1933. p. 5. (entrevista com Augusto Frederico Schmidt).

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BUENO, Luís. **Uma História do Romance de 30**. São Paulo: Edusp e Unicamp, 2006.

² Nesse texto, a divisão Norte e Sul diz respeito a uma antiga querela literária nacional, que reaparece com força nos anos 30. Assim, entende-se como grupo do Norte os escritores nordestinos e nortistas; e do Sul, especialmente, os do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, não só os de nascimento, mas também aqueles que escreviam sobre o contexto metropolitano (em oposição às províncias) e a partir dele.

CASANOVA, Pascale. **A República Mundial das Letras**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

FOI MERECIDO o prêmio conferido a “Os Corumbas”? *O Jornal*. Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1934[a]. p. 2. (entrevista com Gilberto Amado)

_____. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 1934[b]. p. 4. (entrevista com Manuel Bandeira)

_____. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 3 de fevereiro, 1934[c]. p. 2. (entrevista com Augusto Frederico Schmidt)